

MÁSCARAS VIVAS OU EM EXTINÇÃO? TRADIÇÃO E RENOVAÇÃO NAS FOLIAS DE REIS.

Rogério Lopes da S. Paulino (UNICAMP)

GT:Estudos da Performance

Palavras-chave:Máscara, Folia de Reis, tradição

Neste artigo, pretendo discutir algumas questões que surgiram no momento de estudar as máscaras das Folias de Reis¹ no limite entre o universo ritual em que elas estão originalmente inseridas e o universo teatral no qual eu me propus a recriá-las.

Desde que comecei o projeto de doutorado: “Máscaras de Folia de Reis: do ritual religioso à cena teatral”, tinha em mente a questão de Peter Brook (2000:74) sobre a necessidade de verificar se a forma tradicional ainda está viva, ou se a tradição é a mão morta que estrangula a experiência vital. Segundo ele, esta deve ser uma das preocupações centrais de um pesquisador que pretende se basear numa tradição para fazer uma recriação teatral. Quando iniciei o trabalho de campo, no dia 06 de janeiro de 2003, esta era uma preocupação constante, que foi logo se diluindo à medida que a pesquisa avançava, pois a cada dia descobria novos indícios de vitalidade das Folias de Reis. Não imaginava, por exemplo, que poderia haver tantos grupos de Folia de Reis numa capital como Belo Horizonte. Somente no primeiro dia de pesquisa conheci doze grupos nos dois encontros de Folia que participei.

No decorrer do trabalho de campo, passei a visualizar uma rede de relações entre esses grupos, que se estende durante todo o ano e por boa parte do território nacional, sobretudo nas regiões sudeste e centro-sul, mas que se apresenta de forma velada para os que não estão dentro, ou mesmo nas imediações desta rede. Fui percebendo que existiam algumas noções recorrentes na bibliografia consultada sobre o tema que, se antes eram capazes de traduzir características das Folias, pouco se aplicavam à realidade atual. Uma dessas noções é de que o período de atividade das Folias vai do Natal ao Dia de Reis. Em Minas Gerais, muitas Folias fazem seu “arremate” no dia 20 de janeiro, quando se comemora o Dia de São Sebastião; já no Espírito Santo, conheci Folias que chegam a fazer seu “arremate” em setembro.

Descortinava-se à minha frente uma rede infinita de Folias dos mais variados tipos. Folias mais e menos afinadas; Folias mais tradicionalistas e outras mais inovadoras, que misturavam

ritmos musicais, diferentes instrumentos e até elementos de outros folguedos; Folias com ou sem personagens mascarados, ou seja, os reis, palhaços ou bastiões.

Nas minhas andanças, conheci também vários foliões que, se nem sempre falavam muito, traziam no olhar e em alguns gestos o testemunho de uma vida devotada às Folias. Aos poucos, fui percebendo como a Folia de Reis tem o grande poder de tocar as pessoas, de mobilizar afetivamente quem participa diretamente do grupo ou quem apenas acompanha. Bastava que uma moda de viola começasse a ser entoada, acompanhada pelo coro de vozes com sua inconfundível requinta, para que as lágrimas escorressem nos olhos de muitos dos presentes. Porém, não acredite o leitor que a Folia é uma manifestação entristecida. Pelo contrário, há momentos bastante descontraídos, proporcionados justamente pelas figuras mascaradas.

O fato dos foliões afirmarem “a gente faz como os antigos faziam”, de modo algum quer dizer que as Folias não se renovem. Pelo contrário, elas parecem ser recriadas a cada ano e em cada lugar das mais diferentes formas. Os foliões não deixam de descrever as modificações que realizam em sua performance, buscando impressionar o público e superar seus parceiros. Mas será que todo e qualquer tipo de alteração e inovação realizada pelos foliões deve ser encarada com um sinal de vitalidade das Folias de Reis? Até que ponto elas também não podem ser um sinal do enfraquecimento de um saber tradicional, na medida em que “o que torna um conhecimento ‘tradicional’ é a maneira como ele está associado a um determinado local ou comunidade e o fato de constituir-se no resultado de uma longa experiência coletiva.” (Belas, 2004:191).

Num encontro de Folia da cidade de Contagem(MG), presenciei um fato que me pareceu exemplar para abordar a questão anterior. Naquela ocasião, vi alguns palhaços que, ao invés de utilizarem as máscaras artesanais confeccionadas com couro de cabrito ou de bicho preguiça, estavam utilizando máscaras de carnaval fabricadas em látex. Sob o meu ponto de vista, como pesquisador, aquela era uma ocorrência lamentável, pois indicava que a tradição de máscaras da Folia estaria se perdendo. Mas foi seu Dulcino Gasparelo, mestre de uma Folia da cidade de Muqui, quem me possibilitou compreender aquele evento a partir da perspectiva dos foliões. Segundo ele, apesar das máscaras de látex serem utilizadas – porque alguns foliões “acham chique” o fato de poderem utilizar uma máscara “comprada pronta” –, o principal motivo da sua utilização seria a escassez de matéria prima para a fabricação de máscaras artesanais. O couro de bicho preguiça não pode mais ser utilizado, pois o IBAMA proibiu a caça desse animal. Já o couro de cabrito, material mais usado para substituir o anterior, também tem se tornado escasso com a redução de pastos para criar esses animais. Não é à toa que alguns foliões têm feito máscaras modeladas em espuma. Diante desse quadro, lamentar parece uma atitude inútil. Se há algum interesse em que esse conhecimento tradicional seja preservado, devem ser realizadas ações que possam ser eficazes –

como as propostas pela prefeitura de Muqui que, na ocasião em que estive visitando a cidade, buscava viabilizar o fornecimento do couro para os grupos locais, além de promover oficinas de máscaras com o senhor Dulcino Gasparelo, um folião e mascareiro que passava a sua tecnologia para a comunidade em geral e para integrantes de Folias da região.

Não há como ignorar, portanto, que as Folias e outras manifestações similares estão sempre interagindo com as mudanças culturais, sociais, econômicas e até ambientais que acontecem a sua volta, sempre se renovando. Segundo Oswald (2000:92), esta renovação não é gratuita, ela “se dá por meio de procedimentos e de uma gramática peculiar. Ou seja, ele (o folião) cria e inova a partir de combinações diferentes de um acervo de elementos e recursos artísticos dados pela tradição”. Assim, mesmo considerando que, tecnicamente, as máscaras de látex são um recurso cênico muito inferior às máscaras artesanais de couro, não posso negar que os palhaços continuam cumprindo seu papel dentro do ritual. A máscara de látex é um elemento novo, mas que será utilizado segundo procedimentos já estabelecidos. Não é necessariamente o material com o qual as máscaras são confeccionadas que determinará a sua vitalidade dentro das Folias de Reis. Os elementos dados pela tradição nem sempre se encontram à vista e, para percebê-los, é preciso conhecer certos códigos e sinais que somente aqueles que foram devidamente iniciados em cada uma dessas manifestações tradicionais são capazes de compreender, ou seja, os fundamentos. Estes, sim, são os responsáveis pela vitalidade de uma manifestação. Segundo Graziela Rodrigues (1997:64) “os fundamentos são os preceitos, ou seja, tudo aquilo que produz o conhecimento da origem e dos motivos da existência e permanência de cada manifestação”.

Os fundamentos são garantidos não necessariamente no auge do processo ritual, mas nos momentos que o antecedem, ou seja, durante a sua preparação. Antes do início de cada jornada de uma Folia, por exemplo, os seus integrantes se reúnem, normalmente na casa do mestre, para preparar comida, arrumar as fardas e afinar os instrumentos – ocasião em que parentes e amigos se envolvem num mesmo fluxo de atividades, em que os fundamentos são repassados através de ações simples do trabalho cotidiano e de lembranças de anos passados que são sempre retomadas. Segundo Rodrigues (1997), a perda progressiva desses fundamentos se dá pela ausência dessas preparações e a conseqüente fragmentação da festividade. Nesse sentido, por mais que haja escassez de material para confeccionar as máscaras, o uso de máscaras de látex que citei, pode, no limite, indicar que o grupo que fez esta opção já não está cuidando tanto desses preparativos. Ao optar por algo pré-fabricado, que não traz consigo nenhuma memória referente ao seu processo de confecção, este grupo pode estar contribuindo para a perda dos seus fundamentos.

Esses processos nem sempre são perceptíveis, pois o que pode parecer importante para o pesquisador assume um caráter secundário para os detentores daqueles saberes tradicionais. Por

isso, gostaria de concluir este artigo com uma fala de um folião que, ao ver meu grande interesse pelas máscaras e ao saber que eu pretendia fazer um espetáculo com as mesmas, solicitou-me que “Não mostre apenas a beleza de nossas máscaras e de nossas músicas, mostre também a nossa fé”. Os foliões não encaram como problemática a minha proposta de fazer teatro a partir de suas máscaras, pois para eles o teatro que eu prometia fazer estaria levando, de um modo ou de outro, não só o nome dos Santos Reis adiante, como também estaria ajudando a divulgar e difundir os valores de sua comunidade. Com isso, os foliões demonstram ter muito mais preocupação com a sua devoção do que com a manutenção de uma tradição por si só, ou seja, não importa a forma pela forma, mas o que ela pode mobilizar.

Nota

ⁱ A Folia de Reis é um folguedo que pretende reviver a peregrinação dos Reis Magos ao encontro do Menino Deus.

Bibliografia

BELAS, Carla Arouca. A propriedade intelectual no âmbito dos direitos difusos. In TEIXEIRA, João Gabriel L. C. et al, org. *Patrimônio Imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília: UNB, 2004, p. 190-203.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. *Bailarino-pesquisador-intérprete: processo de formação*. RJ: Funarte, 1997.

BARROSO, Oswald. A performance no teatro popular tradicional. In TEIXEIRA, João Gabriel L. C. & GUSMÃO, Rita, org. *Performance, cultura e espetacularidade*. Brasília: UNB, 2000, p.85-102.

BROOK, Peter. *A porta aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro*. RJ: Civilização Brasileira, 2000.